

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

FRANCILEIDE PESSÔA DE OLIVEIRA
SOLANGE FERREIRA GOMES

A LEITURA E ESCRITA NA SALA DE AULA: VIVÊNCIAS E DESAFIOS

CAJAZEIRAS-PB

2005

FRANCILEIDE PESSÔA DE OLIVEIRA
SOLANGE FERREIRA GOMES

A LEITURA E ESCRITA NA SALA DE AULA: VIVÊNCIAS E DESAFIOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia-
CFP/UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia, habilitação em Supervisão Escolar.

Orientadora: Professora Ms. Maria de Lourdes Campos

CAJAZEIRAS-PB

2005



- 04821 Oliveira, Francileide Pessoa de.
A leitura e escrita na sala de aula: vivências e desafios / Francileide Pessoa de Oliveira; Solange Ferreira Gomes. Cajazeiras, 2005.
37f.
- Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2005.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.
1. Leitura. 2. Escrita. 3. Leitura-método e ensino. I. Gomes, Solange Ferreira. II. Campos, Maria de Lourdes. III. Universidade Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V. Título

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela”.

Paulo Freire

DEDICATÓRIA

A Deus, por ter nos dado saúde e força para nós terminarmos este curso.

Aos nossos pais, Tico e Ducarmo (*Francileide*), José e Éster (*Solange*), e nossos irmãos, por nos ter ajudado a vencer esta batalha.

Ao meu amor Gerlivan (*Francileide*) e ao meu amor Novinho (*Solange*), por nos compreender e contribuir para nossa formação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter nos dado entendimento, sabedoria e coragem para prosseguirmos a nossa caminhada;

Aos professores, que estiveram sempre ao nosso lado durante todo o curso;

As colegas, por caminharmos juntas nessa árdua batalha;

Aos familiares, que estiveram sempre presentes, nos dando força e coragem para superar os momentos difíceis que atravessamos;

A professora Lourdes Campos, que não foi apenas professora, mas também nossa amiga;

Aos professores, diretora, coordenadora e funcionários da Escola Antônio de Sousa Dias que nos acolheram;

Ao meu amor Gerlivan (Francileide) e ao meu amor Novinho (Solange), que nos compreendeu e contribuiu por todo esse período, ajudando assim na nossa formação;

Enfim, a todos que contribuíram, diretamente ou indiretamente para que pudéssemos concluir este curso com êxito.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO I	
1.REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ESCRITA E LEITURA.....	09
1.1 Breve histórico da escrita.....	09
1.2 Concepções de leitura.....	12
1.3 Funções da escrita e da leitura.....	14
1.4 Tipos de leitura.....	16
CAPITULO II	
2.PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	18
2.1 Objetivos.....	18
2.2 Instrumentos e coleta de informações.....	18
2.3 Universo da amostra.....	19
2.4 Caracterização do campo de estudo.....	19
CAPÍTULO III	
3. ANÁLISE DOS DADOS.....	21
CAPITULO IV	
4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO.....	27
CONCLUSÕES.....	35
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXO.....	38

INTRODUÇÃO

Em tempos de modernização a leitura e a escrita possui maior importância na vida das pessoas, pois vivemos em uma sociedade globalizada, onde é preciso o domínio da leitura e da escrita. Com isso podemos acompanhar os avanços tecnológicos, como estamos vendo entramos em uma nova etapa cultural: era digital. Essa realidade não pode passar despercebida às crianças, é nessa faixa que temos de estimular a inteligência das crianças para a partir daí desenvolver o processo de leitura e escrita. Não podemos parar no tempo, temos que estar sempre em constante renovação. Porque até as pessoas alfabetizadas estão tendo dificuldades de serem incluídas na sociedade, isso se torna mais difícil para quem não é alfabetizada. Precisamos aprender a ler e a escrever para que haja inclusão social para todos.

Optamos por trabalhar a temática Leitura e Escrita na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Antonio de Souza Dias localizada na zona rural da cidade de Cajazeiras Paraíba. Visando analisar o processo de leitura e escrita na tentativa de possibilitar aos educadores ampliar sua visão referente ao processo de leitura e escrita; na tentativa de ajudá-los a compreender melhor a sua prática, e conseqüentemente desenvolver a formação de leitores e escritores críticos.

Face a necessidade de discutir com os professores o processo de leitura e escrita e novas metodologias para se aprender a ler e escrever, é que decidimos trabalhar com esta temática, pois percebemos o quanto os alunos sentem necessidade de desenvolver esse processo com mais naturalidade, uma vez que desenvolvida no período inicial da aprendizagem da criança facilitará toda a sua desenvoltura escolar.

A prática de leitura e escrita nas salas de aula precisa ser desenvolvida diante de uma visão que venha promover a formação de pessoas críticas participativas. Os professores muitas vezes, se deparam diante de algumas dificuldades, culturais e econômicas para trabalhar o processo de leitura e escrita. Falta também dos nossos governantes investir mais recursos na

educação, para que o educador tenha mais possibilidade para estimular o educando à prática da leitura e escrita.

Neste sentido, a escola precisa suscitar no aluno o prazer pela leitura e escrita, auxiliando-o a descobrir leitores e escritores para que se tornem cidadãos ativos, criativos, reflexivos, cumprindo com o seu papel social, pois é uma das tarefas primordiais da escola promotora do ensino de qualidade.

Quando lemos enriquecemos a nossa cultura o nosso vocabulário e nos tornamos pessoas informadas e com um poder de criatividade maior, no contexto social a que estamos inseridos. É importante desenvolver o hábito da leitura, pois só assim é que vamos ter pessoas críticas conscientes do que querem, para que assim possamos contribuir na melhoria da nossa sociedade.

A escrita é um processo complexo, porque necessita de habilidades, mas está sendo iniciada desde o início da vida estudantil da criança, torna-se muito fácil lidar com ela durante toda a vida futura. Para que uma criança desenvolva com sucesso o processo de escrita é preciso que o professor acompanhe a criança e saiba em que nível alfabético ela se encontra e isso é um processo contínuo, que deve ser acompanhado desde o primeiro dia de aula da criança.

O hábito de ler e escrever constitui-se, um pilar do processo ensino-aprendizagem, portanto é inadmissível omiti-lo, desprezá-lo em nossa ação pedagógica. A prática da leitura e escrita implica no desenvolvimento do educando permitindo a aquisição de novos conceitos, informações e acesso à cultura letrada.

A leitura e a escrita têm um valor significativo em nossa sociedade, os indivíduos que não sabem ler nem escrever são excluídos da sociedade. Neste sentido este estudo pretende discutir, quais as causas que dificultam o processo de leitura e escrita?

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresentamos as teorias que deu suporte para entendimento do estudo, possibilitando reflexões sobre o processo leitura e escrita; concepções de leituras; funções da escrita e da leitura; e tipos de leitura.

No segundo capítulo – os procedimentos metodológicos os objetivos; o instrumento de coleta utilizado; a amostra; e a caracterização da escola trabalhada.

No terceiro capítulo – apresentamos a análise dos dados coletados através do questionário aplicado com os professores da Escola Antonio de Sousa Dias.

No quarto capítulo apresentamos as atividades desenvolvidas no estágio e por fim, as conclusões.

CAPITULO I

I. REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ESCRITA E LEITURA

1.1 Breve histórico da escrita

O desenvolvimento da leitura e da escrita inicia bem antes da escolarização, a partir do momento que a criança vê um objeto e sabe que aquilo é um objeto ela está absorvendo o processo de aprendizagem, por exemplo, quando esta criança olha para uma cadeira e ela identifica o objeto isto já é aprendido, bem como ver uma manchete de jornal, uma receita culinária, ao consultar uma lista telefônica, ler a lista das compras, tudo isso é aprendizado prévio de leitura e escrita. Nas cidades a leitura e a escrita são mais fáceis de ser desenvolvidas, porque em todos os lugares que passamos nos defrontamos com placas, propagandas e muito mais recursos escritos. Desse modo, o início das civilizações houve-se a necessidade de adquirir o domínio da leitura e da escrita para se comunicar, com isso foi estabelecido vínculos de comunicação e foi a partir dessa necessidade que os povos primitivos desenvolveram do seu jeito o ato de ler e escrever.

A escrita costuma aparecer sob as formas de outros objetos em diferentes portadores ou suportes de texto. Esses portadores e suportes representam tipos de escrito: rótulos, cartazes, placas, livros, jornais, dicionários, cartas, enciclopédias, etc. Esses tipos de escrito apresentam, por sua vez, diferentes tipos de texto: contos, notícias, instruções, identificações, etc. precisamente por esse motivo, o material da escola infantil não deveria limitar-se aos escritos escolares, mas deveria explorar os espaços escritos nas ruas e nos bairros, os espaços escritos nas ruas e nos bairros, os espaços domésticos e familiares, que permitem uma primeira iniciação as diversas funções da escrita.

Segundo Teberosky (2000,p.66)

O conhecimento da escrita começa muito antes de a criança frequentar uma escola. Portanto, sua origem é extra escolar. Esse conhecimento evolui, muda com a idade dos sujeitos, e não é possível estabelecer uma relação direta entre o ensino sistemático e essa evolução, porque entre outras razões não se ensinava a ler e escrever.

Percebe-se que não são todos os conhecimentos da escrita que são extra escolar, como diz Teberosky (2000,p.70) “se todas as aprendizagens fossem pré-escolares não haveria analfabetismo”. Pode-se demonstrar que a criança e o adulto sabem outras coisas que se supõe que eles não sabem. Esses conhecimentos não-escolares são classificados em dois tipos: representação sobre as condições da linguagem que se escreve e representação das propriedades perceptivas gráficas e da relação entre escrita e linguagem. Esses conhecimentos derivam das interações entre as representações internas dos sujeitos e as propriedades externas da linguagem escrita e da escrita como sistema notacional. No processo aprendizagem, os indivíduos não podem deixar de levar em consideração que a escrita e a linguagem escrita obedecem a regras ou convenções de funcionamento. Grande parte da aprendizagem normativa é frequentemente realizada em situações institucionais, particularmente na escola.

Desse modo, a leitura e a escrita devem ser motivadas pelos professores, dado que a prática traz para quem exerce, uma infinidade de benefícios. De acordo com PCN (1997:41) “espera-se que os alunos adquiram competência em relação à linguagem, que lhes possibilitem resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançar a participação plena no mundo letrado”. Portanto antes da criança ser capaz de ler no sentido convencional do termo, ela tenta interpretar os diversos textos que encontra ao seu redor (placas, rótulos, nomes de ruas, outdoors, manchetes de revistas, de jornais, etc.), com isso é possível incorporar os conhecimentos e hipóteses que as crianças tem antes da aprendizagem formal.

A história da escrita segundo Cagliari (1997, p.106-109) pode ser caracterizado como tendo três fases distintas:

A fase pictórica se distingue pela escrita através de desenhos ou pictogramas. A fase ideográfica se caracteriza pela escrita através de desenhos especiais chamados ideogramas. Esses desenhos foram perdendo alguns traços representativos das figuras retratadas ao longo de sua evolução. Com isso, foi tornando-se uma simples convenção de escrita. As mais importantes desta escrita foram as egípcias, a mesopotâmica, as escritas das regiões do mar Egeu e a chinesa. A alfabética que se caracteriza pelo uso de letras. Sua origem vem dos ideogramas, mas perdeu o valor ideográfico assumindo uma nova função da escrita, a representação totalmente fonográfica. O ideograma perdeu seu valor pictórico e passou a ser simplesmente uma representação fonética.

A escrita não é um produto escolar, mas sim um bem cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Ela pode ser concebida de duas formas muito diferentes e conforme o modo de considerá-la as conseqüências pedagógicas mudam drasticamente. A escrita pode ser uma representação da linguagem ou um código de transcrição gráfica das unidades sonoras. Portanto, ela é uma atividade nova para a criança, por isso, necessita de um letramento especial na alfabetização, pois é nessa fase que ela está desenvolvendo sua coordenação motora.

A escrita seja ela qual for, sempre foi uma maneira de representar uma memória coletiva religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural. A invenção do livro e, sobretudo as imprensas são grandes marcos históricos da história da humanidade, depois é claro da própria invenção da escrita.

Já no início da alfabetização a escrita mais utilizada são as letras de imprensa, por se acreditar que é a letra mais conhecida das crianças, antes mesmo de uma aprendizagem sistematizada da escrita, através da leitura de placas, rótulos, nomes de ruas, outdoors, manchetes de revistas, jornais, etc.. Com isso, é possível incorporar os conhecimentos e hipóteses que as crianças tem antes da aprendizagem formal.

Uma das primeiras idéias que as crianças elaboram em relação ao significado de uma seqüência de letras é a seguinte: as letras representam o nome dos objetos, ou então elas representam o seu próprio nome. O significado de um texto escrito é, portanto, inteiramente dependente do contexto. Se por exemplo o contexto for um livro com figuras, imagina-se que as letras “digam” o nome dos objetos ilustrados. A proximidade espacial entre a escrita e a gravura é a informação relevante que as crianças procuram para descobrir qual dos textos escritos poderia “dizer” o nome de cada objeto ilustrado.

Segundo Ferreiro (1995,p.68)

Até a poucos anos as primeiras tentativas de escrita feitas pelas crianças eram consideradas meras garatujas, como se escrita devesse começar diretamente com letras convencionais. Tudo o que ocorria antes era simplesmente considerado como tentativas de escrever e não como escrita real.

No entanto a fonetização da escrita se inicia quando as crianças começam a buscar uma relação entre o que se escreve e os aspectos sonoros da fala.

1.2 Concepções de leitura

Segundo Freire (2003, p.22) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra. daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela”.

O ato de ler e escrever devem ser incentivados, vivenciados, despertados, ou seja, estimulado no educando. Portanto é preciso criar existências às condições de acesso a leitura e a escrita, rever as imposições de conteúdos rígidos. Além de tudo isso, sempre que for possível, explicitarmos os motivos pelos quais os alunos são impulsionados a buscar a leitura e a escrita.

Segundo os PCN's(1997:36) "as pessoas aprendem a gostar de ler, quando de alguma forma a qualidade de suas vidas melhoram com a leitura"

A leitura é considerada uma atividade caracterizada pelo engajamento e uso do conhecimento. O processo de leitura implica numa atividade de procura do leitor, no seu passado de lembranças e conhecimentos, sugere caminhos, através da leitura estabelecemos vínculos com o mundo estruturado através de esquemas da memória do leitor, determina suas expectativas sobre a ordem natural das coisas, ela é uma atividade simples, quando é natural e prazerosa em busca de significados e sentidos, como outras atividades comunicativas, pois é através da leitura que há uma reconstrução do significado mediante o uso de conhecimentos divididos entre leitor e escritor.

A leitura é considerada um ato cognitivo na medida que envolve processos cognitivos múltiplos como percepção e reflexão sobre um conjunto complexo de componentes. Contudo, também é um ato social, quando sujeito leitor e autor interage entre si, a partir de objetivos e necessidades socialmente determinados.

No entanto ela é uma atividade de assimilação de conhecimentos e é também uma decifração e uma decodificação. Pois ela sem decifração não funciona adequadamente, assim como sem a decodificação e demais componentes referentes à interpretação, se torna estéril e sem grandes interesses.

Segundo Martins (1994,p.22) "a leitura é um processo de formação global do indivíduo a sua capacitação para o convívio e atuação social, político, econômico e cultural". Portanto a leitura e a escrita se faz necessário no processo ensino-aprendizagem por meio delas podemos construir sujeitos capazes de questionar, argumentar e assim poder encontrar soluções para os diversos problemas nas diferentes situações de vida.

De acordo com Faucombert (1994, p. 05)

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.

No entanto ler significa refletir sobre o que esta escrito.

Segundo Faucombert (1994, p. 05) “ler não consiste em encontrar o oral no escrito, nem mesmo nos países em que a escrita, por motivos muito pouco relacionados à leitura, tem uma correspondência aproximativa com o oral”. A escrita é a linguagem que se dirige aos olhos, funciona e evolui para a comodidade dessa comunicação visual.

Pois a leitura não é a aquisição de um mecanismo; pois ninguém ensinaria o mecanismo da fala. Só aprendemos a ler lendo; portanto, só aprendemos a falar falando.

1.3. Funções da escrita e da leitura

A escrita, para ser qualificada precisa de um objetivo bem definido, que é fornecer subsídio para que alguém leia. Por isso, deve ter como objetivo essencial o fato de alguém ler o que está escrito. Com isso diz-se que a leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido.

Uma outra função da escrita é a de regulação e controle social do comportamento. As noções de lei, direito, norma e correção estão associadas à escrita. Uma forma de controle social está relacionada ao efeito da escrita sobre a linguagem oral. A linguagem escrita, por sua influência sobre a fala de algumas pessoas, torna-se modelo de correção dessa fala, e a ortografia, modelo de correção de pronúncia.

Segundo Ferreiro (1993,p.85)

A importância de se prestar atenção a propriedades quantitativas, é aparente em todos os aspectos do desenvolvimento das conceptualizações sobre a escrita que temos estudado. Não estamos tratando aqui da evolução referente à consideração das propriedades qualitativas de textos escritos.

O início do conhecimento sobre a linguagem escrita não depende do manejo pessoal da escrita e, no entanto, não coincide com o início da escolaridade obrigatória. A relação entre o ensino institucional no desenvolvimento do conhecimento da criança é de influência, não de determinação. A escrita é um objeto social cuja presença e funções ultrapassam o marco escolar e porque a criança é um sujeito ativo e construtivo do seu próprio conhecimento. É preciso dar tempo às crianças para elas decifrarem a escrita, pois cada uma tem um ritmo próprio que precisa ser respeitado.

A leitura transforma-se, então, numa espécie de válvula de escape pois uma boa leitura serve de relaxamento de nossas tensões e com ela também nos ajuda a compreender e conviver com sentimentos difíceis.

A leitura é uma atividade fundamental que tem função de desenvolver o aluno e ajudar na formação. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Segundo Cagliari (1997, p. 148) “se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa”.

A leitura serve não só para se aprender a ler, como para aprender outras coisas, lendo. Serve ainda para se ensinar e treinar a pronuncia dos alunos no dialeto-padrão e em outros. A leitura é uma maneira de se aprender o é escrever e qual a forma ortográfica das palavras.

A leitura é um processo no qual o leitor participa com uma aptidão que não dependem basicamente de sua capacidade de decifrar sinais mas sim de sua capacidade de dar sentido a eles, compreende-los. Ela é importante, porque é uma habilidade que precede a própria escrita.

A leitura e a escrita são atos solidários superficiais, pois envolve pessoas que pensam, amam, odeiam, e que tem uma história de vida. Isto implica numa ação recíproca, no qual dialogamos e damos sentido ao mundo.

1.4. Tipos de leitura

A leitura pode ser ouvida vista ou falada. A diferença entre ouvir a fala e ouvir a leitura é que a fala é produzida espontaneamente, ao passo que a leitura é baseada num texto escrito, que tem características próprias diferentes da fala espontânea.

O primeiro contato das crianças com a leitura, se dá através da leitura auditiva. Os adultos lêem e elas apenas escutam, ouvir uma historia também é uma forma de ler. Nem sempre a leitura visual silenciosa é mais adequada para certos textos que foram feitos com a intenção de serem lidos oralmente ou ouvidos.

Pois antes de saber ler convencionalmente, as crianças já são capazes de ler o mundo que as rodeiam, isso porque são leitores desde seu surgimento, desde então, já fazem parte do mundo e são capazes de interpretar e dar o significado às palavras.

No entanto, os educadores devem reacender a chama da curiosidade, da vontade, do prazer e do dever de ler e escrever nos educandos, pressupondo que a nossa educação esteja realmente comprometida com a democratização, o desenvolvimento, o bem estar e o bem comum acessível a todos os cidadãos brasileiros.

Ferreiro ao colocar a grande variedade de opções que as crianças tem em todo o seu poder, aponta que é preciso que o professor possa adaptar essas propostas sem que deixe a criança confusa.

Para melhor compreensão sobre o ato de ler Goulart (1999,p.102) enfatiza que "... ler é muito mais do que decodificar. Ler e saber ler são aprendidos ao mesmo tempo, como um processo de construção de sentidos". Goulart afirma que não aprendemos a ler sem saber escrever, que este é um processo único, que é desenvolvido junto e não separados, tanto é que o objetivo da escrita é a leitura e vice-versa.

CAPÍTULO II

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Objetivos:

- ✓ Analisar o processo de leitura e escrita;
- ✓ Investigar as causas que dificultam o processo de leitura e escrita dos alunos nas séries iniciais;
- ✓ Discutir meios para minimizar as dificuldades da leitura e da escrita dos alunos.

Este estudo tem caráter exploratório, que segundo Gonsalves (2001, p.65) “é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com objetivos de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado”. Para realizar este estudo é importante um conhecimento prévio das condições em que se encontra a escola como forma de contribuir para a melhoria do trabalho dos professores.

Utilizamos no primeiro momento o método quantitativo que segundo Gonsalves (2001, p.68) “pesquisa quantitativa remete para uma explanação das causas, por meio de medidas objetivas, testando hipótese, utilizando-se basicamente da estatística.”

Na análise dos dados utilizamos o método qualitativo que de acordo com Minayo (1994, p.21e22) “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares”. Como também, preocupou-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas.

2.2 Instrumento de coleta de dados

O instrumento utilizado para coletar os dados foi o questionário que segundo Richardson (1999,p.189) “os questionários tem como função descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social. A informação obtida por meio de questionário

permite observar as características, de um indivíduo ou grupo”, o questionário foi composto de questões abertas e fechadas.

2.3 Universo da amostra

O universo foi constituído de 10 professores do ensino infantil, e fundamental do município de Cajazeiras – Pb.

O estágio foi desenvolvido através de estudos de textos, reflexões, dinâmicas e trocas de experiências.

2.4 Caracterização do campo de estudo

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Antonio de Sousa Dias, situada no Sítio Cocos, município de Cajazeiras Paraíba. Foi construída no ano de 1992.

A escola é composta de 13 dependências: 01 sala da diretora que também funciona a biblioteca e sala dos professores; 01 cantina; 01 depósito de merenda; 01 pátio; 07 salas de aula; e 02 banheiros. Todas as salas são equipadas com cadeiras, mesinhas, quadro, giz, filtros de água e ventiladores.

A escola funciona três turnos assim divididos: Educação Infantil – manhã; Ensino Fundamental – tarde e noite; Educação de Jovens e Adultos – noite.

A escola possui 857 alunos distribuídos entre a educação infantil, o ensino fundamental e educação de jovens e adultos.

O corpo docente é composto por 35 professores. A equipe administrativa e auxiliar é composta de: 01 diretora; 02 vice-diretoras; 01 coordenadora; e 11 auxiliares de serviço, no total de 50 funcionários.

A escola dispõe dos seguintes recursos: ventiladores, rádio AM e Fm, máquina de escrever, micro sistem, biblioteca, parabólica, celular e banda de música.

A interação entre professores é considerada satisfatória, todos procuram sempre colaborar uns com os outros, fortalecendo os laços de amizade e solidariedade.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE DOS DADOS

Este trabalho, foi realizado com os professores das séries iniciais da Escola Antonio de Sousa Dias, tendo em vista coletar informações sobre o processo de Leitura e Escrita.

No que diz respeito à **idade dos professores**, 25% deles tem entre 20 e 25 anos, 37,5% estão entre 26 e 30 anos, 12,5% compreendem a 36 e 40 anos e 25% estão entre 46 e 50 anos. Observamos que a maioria dos professores são considerados bastante jovens.

Referente ao **sexo** 87,5% dos professores das séries iniciais são do sexo feminino e 12,5% são do sexo masculino. Com isso observamos que as mulheres ainda predominam na área de educação escolar nas séries iniciais.

Tempo de atuação como professor-37,5% têm entre 01 e 05 anos, 25% estão entre 06 e 10 anos, 12,5% estão entre 11 e 15 anos, 12,5% estão entre 20 e 25 anos e 12,5% estão entre 26 e 30 anos. Percebe-se que a maioria dos professores tem no máximo de 01 a 10 anos de atuação.

Formação dos professores-37,5% dos professores concluíram o logotipo II sendo que um está cursando pedagogia; 50% concluíram o pedagógico/magistério, sendo que um está cursando ciência, outro está cursando o normal superior e outra é formada em geografia com especialização; e 12,5% dos professores concluíram o normal superior. Observamos que a maioria dos professores estão preocupados em melhorar os seus conhecimentos e estão buscando algo mais para se aperfeiçoar.

Gosta de ler-100% dos professores responderam que sim; justificando que a leitura auxilia no processo de informação, atualização proporcionando uma visão mais ampla do mundo. (Professor C)

Neste caso a leitura funciona como método que amplia seus conhecimentos para superar inúmeros obstáculos.

Cada profissional precisa se informar para melhor se comunicar e acompanhar as mudanças e transformações que ocorrem no âmbito educacional.(Professor G)

A leitura é uma transformação não só no âmbito educacional como também no âmbito global.

Seu aluno gosta de ler-62,5% dos professores disseram que seus alunos gostam de ler e 37,5% que não; percebemos que de acordo com os depoimentos, os alunos gostam de ler conforme as falas dos professores abaixo:

Fazem a aquisição de livro na biblioteca de forma espontânea, demonstrando também entusiasmo nas atividades de leitura proposta. (Professor C)

A espontaneidade e o entusiasmo pela leitura é muito importante para a educação do aluno.

Eles estão na fase de aprendizagem da leitura e sente a necessidade de querer ler tudo para saber o que significa. (Professor D)

Esta é a fase onde o aluno deseja descobrir o que está lendo para saber do que se trata.

No início do ano senti uma certa resistência com relação à leitura, mas comecei trabalhar a leitura de maneira diferente e hoje eles gostam de ler.(Professor E)

Referente aos alunos que não gostam de ler os professores disseram que:

O aluno só encontra normas na escola, em casa eles são donos de si, ou seja, a um grande descaso dos pais com a educação de seus filhos, achando que a missão de ensinar é só do professor.(Professor G)

Esta é uma prática que acontecia posteriormente onde às professoras quem exercia o papel de educadora, alguns pais ainda estão com esta mesma concepção de que a responsabilidade de educar seus filhos é apenas do professor.

Quantas vezes por semana você desenvolve atividades de leitura-62,5% disseram que desenvolve mais de três vezes por semana, enquanto que apenas 37,5% desenvolve três vezes por semana; percebemos que os professores trabalham de forma significativa a leitura.

Recursos utilizados para trabalhar a leitura-87,5% utilizam revistas, jornais e livro didático e 12,5% jibis e outros; nota-se que há uma diversidade de material utilizado para trabalhar a leitura.

Tipo de leitura utilizada para trabalhar com seus alunos- 50% deles trabalham a leitura oral e 50% trabalham a leitura silenciosa e oral.

Com isso vemos que os professores estão desenvolvendo bem a leitura, tanto oral quanto silenciosa, não estão apenas voltado a um só tipo de leitura.

Realiza atividade de motivação- 87,5% disseram que trabalham com atividades de motivação e apenas 12,5% disseram que não.

O professor E diz

trabalho com música para introduzir, cartazes relacionados ao texto, conhecimento prévio do educando com relação ao que será retratado no texto.

Percebemos que a música, cartazes e o conhecimento prévio dos educandos são predominantes nas atividades de motivação.

Gosta de escrever- 100% dos professores disseram que gostam de escrever conforme coloca o professor G

escrevendo nós nos avaliamos, questionamos e ampliamos nosso posicionamento frente a tudo que nos compete.

Neste caso percebemos que a escrita é algo que não basta apenas saber escrever por escrever, é preciso ter uma motivação para isso.

Seu aluno gosta de escrever- 87,5% dos professores disseram que sim e apenas 12,5% disseram que não; percebemos que a maioria dos alunos gostam de escrever conforme expressa o professor E

vejo que os meus alunos adoram produzir textos que retratam o seu cotidiano e isso se dá pelo hábito de ler e querer expor seu pensamento através da escrita.

Com isso, podemos perceber que o educando prefere escrever mais sobre o seu cotidiano de que algo desconhecido de sua realidade.

Referente aos alunos que não gostam de escrever o professor G afirma que:

assim como não gostam de escrever, é como se nada os fizessem reconhecer tala importância para a vida deles. Nesta sala estão os repetentes, fora da faixa etária, isso dificulta muito.

Neste caso, precisa-se reforçar mais a atenção a estes alunos que estão com maior dificuldade na aprendizagem, para que eles superem essas deficiências neste processo.

Sente dificuldade para trabalhar a leitura com seus alunos- 62,5% responderam que sim enquanto 37,5% disseram que não.

Os que sentem dificuldades tentam supera-las conforme a fala do professor A

procuro atividades que me ajude neste sentido, tento procurar ajuda com colegas.

Complementando este pensamento o professor B afirma que

tento incentiva-los, por exemplo, quando alguém ler bem, eu parabenizo e trago textos diferentes a cada dia.

Em relação a essas afirmativas Cagliari reforça dizendo que “ler é um processo de descoberta, como a busca do saber científico” (1997, p.149).

O que você entende por leitura- o professor C afirma que:

leitura não é apenas um processo de decodificação de símbolos, mais algo exige interpretação e uma vivência a cerca do que se lê.

Essa forma de pensar do professor se aproxima da visão de Cagliari (1997, p.150) quando afirma que, “a leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e , finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu”.

Com isso o autor diz que a leitura sem decifração não funciona adequadamente, pois ela é uma atividade estritamente lingüística, sem a interpretação se torna estéril e sem grande interesse.

Segundo o professor F a leitura é

um ato de conhecer, aprender e vivenciar situações de transformação interior, a partir do contato com a diversidade de texto.

Qual a importância da leitura – professor B expressa que

leitura é importante, para si e para os outros. Através da leitura e compreensão, podemos mudar o mundo. Ler é viajar, sem tirar o pé do chão.

Reforçando esta idéia o professor G afirma que,

a leitura do mundo é necessária para a pessoa saber se questionar, se posicionar, ela é complementada em várias fases de nossa vida, em cada ambiente que lhe proporcione crescimento.

Com isso percebemos a importância de se aprender a ler, para vivermos melhor.

CAPITULO IV

4.ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO

O primeiro encontro foi desenvolvido com os professores e coordenadores da Escola Antonio de Souza Dias, com o objetivo de discutir e refletir os conceitos de leitura.

Inicialmente apresentamos o nosso projeto ressaltando a importância da leitura e da escrita como forma de compreender melhor o processo de leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental. Logo após trabalhamos uma dinâmica e um texto reflexivo com os professores e com a coordenadora da escola destacando o compromisso do educador junto aos seus educandos.

Discutimos os conceitos de leitura, trocamos experiências com os professores sobre o que acontece em sala de aula, foi dado exemplos de pessoas que ler e estuda bastante e que com isso consegue êxito em qualquer concurso que participa.

Ao discutirmos sobre o conceito de leitura Freire (2003, p. 22) coloca que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela”. Os professores refletiram e falaram que antes mesmo de ir a escola, o aluno tem um conhecimento prévio de leitura do mundo e cada um possui uma linguagem própria.

Surgiram várias discussões sobre o tema ressaltando que de acordo com os PCN's (1997, p. 36) “as pessoas aprendem a gostar de ler, quando de alguma forma a qualidade de suas vidas melhoram com a leitura”.

Isso é real, pois só temos interesse por algo quando este nos proporciona melhores condições de vida, temos que apresentar a importância da leitura e que ela pode nos proporcionar de bom, fazendo com que os educandos perceba a importância desta para sua melhor qualidade de vida.

Dando continuidade aos estudos realizamos o segundo encontro com o objetivo de discutir, refletir e trocar experiências com os professores e coordenadora. Inicialmente, trabalhamos um texto reflexivo com intuito de discutir os valores existentes no processo de aprendizagem como no nosso cotidiano. Necessitamos de alguém que nos ofereça interesse escolar principalmente nas séries iniciais. para que futuramente sejamos um bom leitor.

Ao discutirmos o texto o que é ler Cagliari (1997, p. 149) coloca que “a leitura é a realização do objetivo da escrita. O objetivo da escrita como já disse inúmeras vezes, é a leitura”. Os educadores refletiram que tudo que vamos desenvolver, seja na formação escolar, como na vida cotidiana necessitamos de alguém.

Posteriormente, discutimos outra citação de Cagliari (1997, p. 151) colocando que uma criança apresenta diferença no processo de leitura “sendo de um meio social pobre, não lê do mesmo jeito que uma criança de um meio social rico; nenhuma delas provavelmente lerá da mesma maneira que a professora”. Os professores e a coordenadora comentaram que o meio social interfere muito na leitura, pois o aluno da classe social baixa não terá o mesmo acesso a leitura de (jornais, revistas, internet, etc) como aluno rico. A coordenadora diz que a escola que o rico estuda é diferenciada da escola do pobre, no que diz respeito tanto ao ensino como também nos conhecimentos gerais e a “leitura de mundo”.

Por último, comentamos mais uma citação de Cagliari (1997, p. 154) que diz “quem fala a língua com fluência e rapidez é capaz de ler bem e rapidamente, mas quem fala com dificuldade irá ler com dificuldade, porque o funcionamento dos mecanismos de produção da fala ficará a todo instante comprometidos com as dúvidas, as correções, etc”. todos os

professores refletiram que o aluno que gosta de ler será futuramente um bom leitor. Portanto, ensinar os alunos a ler no seu próprio cotidiano é fundamental para formar bons leitores.

No terceiro encontro trabalhamos um texto reflexivo com a coordenadora e os professores no intuito de mostrar que somos seres capazes de conquistar e alcançar os nossos ideais. Em seguida, foi trabalhado o texto "tipos de leitura" com o objetivo de identificar e refletir com os educadores e a coordenadora os inúmeros tipos de leitura.

Discutimos os tipos de leitura na visão de Cagliari (1997, p. 155) "a leitura oral é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, que também 'lêem' o texto ouvindo-o". a coordenadora e a equipe de professores disseram que todos os indivíduos mesmo antes de irem a escola já têm seu primeiro contato com a leitura, ouvindo as histórias que os outros contam. Neste caso podemos considerar de leitura auditiva.

Cagliari (1997, p. 156) diz que "nem sempre a leitura visual silenciosa é a mais adequada para certos textos que foram feitos com a intenção de serem lidos oralmente ou ouvidos". Os professores colocaram que quando se trata de compreensão de um texto é de suma importância a leitura silenciosa, pois não só interfere o leitor por questões lingüísticas como permite ainda a velocidade máxima da leitura. A leitura visual e silenciosa favorece mais a reflexão sobre os textos a serem lidos e compreendidos. Mas quando se trata de uma leitura de um texto de uma peça de teatro ou outros, essa leitura não será aconselhável.

Para finalizar o encontro Cagliari (1997, p. 159) diz que "um aluno nas séries iniciais não lê como um gravador reproduz uma fita. A preparação para uma leitura em voz alta é indispensável". Todos os professores complementaram dizendo que as crianças precisam de um tempo de decifração, que varia de acordo com cada uma. Portanto, desde as primeiras leituras em voz alta, os alunos deveriam ser capacitados a fazerem uma boa leitura expressiva.

O quarto encontro foi desenvolvido com o objetivo de discutir e refletir com os professores e coordenador o texto "como ler".

Inicialmente trabalhamos um texto reflexivo com o intuito de fazer com que os professores percebam que ler-estudar-não acontece apenas na sala de aula, mas em qualquer lugar que você esteja e precise pensar para resolver algum problema, isto também é estudo, todo aprendizado é estudo.

Trocamos experiências sobre o texto “como ler” e percebemos o quanto é necessário saber ler para entender o que nos rodeia. Quando não sabemos ler, tudo se torna mais difícil tanto no campo profissional quanto no campo pessoal.

Segundo Cagliari (1997, p. 163) “a falta de controle sobre o pensamento ao longo da leitura: o aluno acaba de ler e não sabe dizer o que leu”. Este é um grave problema enfrentado pelos professores, onde seus alunos sabem ler o que está escrito, mas não sabe interpretar o que leu. Diante desta realidade devemos desenvolver atividades que incentive os alunos aprenderem a ler e interpretar o que leu, colocando leituras interessantes para eles e que eles gostem, pois quando gostamos entendemos melhor.

Segundo Cagliari (1997, p. 163) “a leitura tem muitos usos e modos de se realizar e todos têm um correspondente na fala espontânea”.

Não é porque está lendo que se deve assumir uma pronúncia especial de leitura. A escola particularmente deve também respeitar a leitura de cada um, pois cada um tem seu jeito próprio de ler.

Colocamos que a escola deve dar chance ao aluno de ler, segundo sua variedade de língua e não obriga-lo logo na primeira leitura a ler no dialeto da escola, porque fica mais difícil a aprendizagem do aluno, devemos entender o educando, para cobrar dele, o mais importante de tudo isso, é o aprendizado de todos.

O quinto encontro foi desenvolvido com o objetivo de discutir e analisar a importância da leitura com os professores e coordenador da escola.

Primeiramente discutimos um texto reflexivo o qual nos mostrou o quanto é importante trabalhar unidos, procurando sempre ver o que é positivo no outro, não olhar apenas para os defeitos dos outros.

Discutimos o quanto é importante à leitura, porque sem leitura não podemos optar pelas coisas boas que podemos usufruir quando lemos.

Seguindo com as discussões sobre a importância da leitura os professores nos disse que a comunicação escrita, com o qual entramos em contato pela leitura, nos envolve de forma global. E por isso pode nos causar uma verdadeira revolução. Com isso, podemos perceber a importância de se saber ler.

Precisamos saber ler para podermos escrever, porque a escrita deve ter como objetivo essencial o fato de alguém ler o que está escrito, não escrevemos apenas para nós, mas para o outro ler, por isso a responsabilidade de escrever bem para que o outro entenda o que escrevemos, para isso precisamos fazer bastante leitura para sabermos não só escrever bem, como também se expressar.

Comentando sobre a importância da leitura o professor B disse que “ler é uma das habilidades dos humanos que permite o acesso aos bens culturais já produzidos e registrados pela escrita”. É através da leitura que conhecemos os escritos antigos. Com o início das civilizações houve a necessidade de adquirir o domínio da leitura e da escrita para se comunicar e desenvolver o ato de ler e escrever. Portanto, percebemos que o saber ler, ganha cada vez mais importância.

Ao prosseguir as atividades de estagio trabalhamos o texto reflexivo “analfabeta” com os educadores e a coordenadora com o intuito de identificar as dificuldades encontradas no processo ensino-aprendizagem. Discutimos o texto “Porquê meu aluno não lê?”.

Na concepção de Kleiman (1998, p. 16) “ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido”. E todos os professores comentaram que quase todos os alunos das séries iniciais não tem o estímulo da família para gostarem de ler e dizem ser tarefa cansativa para os mesmos.

De acordo ainda com Kleiman (1998, p. 16) “uma das primeiras barreiras que o professor tem que negociar para poder ensinar a ler é a resistência do próprio aluno, ou dos pais do aluno quando este é uma criança mais nova”. Os educadores reforçaram que, quando o aluno não tem interesse precisa estimular os mesmos, se isto não acontecer eles não irão aprender nunca, precisamos apoiar, estimular e conscientizá-los de que aprender a ler e escrever são muito importantes para a vida de todos.

O sétimo encontro foi trabalhado com o objetivo de analisar e refletir com os professores o texto “a escrita na sala de aula: vivências e possibilidades”. Inicialmente discutimos um texto reflexivo como forma de superar as dificuldades existentes na sala de aula e saber como conviver.

Discutimos com os professores e coordenador que a questão da hierarquia escolar acontece desde o início das civilizações, onde uma disciplina rígida reduz o aluno a um ser passivo.

Segundo Chiappini (1997, p. 119) reforça isso dizendo “nas relações sociais, privilegia-se a obediência à hierarquia escolar, que dita, verticalmente, as normas a serem seguidas por alunos e professores. Procura-se, por meio de uma disciplina rígida, reduzir o aluno a um ser passivo, sem que haja vazão de críticas de um discurso pessoal que implicaria numa leitura mais analítica do mundo”.

Por mais que estejam mudando o plano de aula, por mais que se diga que está trabalhando o método construtivista ainda existe esta hierarquia escolar.

Refletimos a necessidade da escrita andar junto com a leitura. Segundo Chiappini (1997, p. 120) “os caminhos que levam o aluno a dominar a escrita passam por um compromisso de trabalho com a linguagem”. A escrita e a leitura estão sempre ligada uma com a outra.

Finalizando os encontros trabalhamos o texto reflexivo “renovação” que nos fez refletir que muitas das vezes precisamos renovar para melhorar a nossa convivência no trabalho e no dia a dia com as outras pessoas. Discutimos o texto “o papel do professor” que tinha como objetivo identificar e refletir o texto com os professores.

O papel da escola juntamente com professora que seus alunos aprendam a ler e escrever, como reforça Teberosky (2003, p. 122) “como sabemos, aprender a freqüentar, dominar, usar e amar os livros, a escrita e a leitura são um dos objetivos da escola há séculos”. Percebemos que a escola caminha sempre com os mesmos objetivos, aprender a lê e a escrever, foram os comentários dos educadores.

Em seguida discutimos a questão do professor como **escriba** ao invés dele ditar um texto para a criança escrever, as crianças é quem dita para o professor escrever, as crianças é quem dita para o professor escrever, como diz Teberosky (2003, p. 122)

O procedimento de ditado é bem difundido no âmbito escolar. De fato, freqüentemente o professor faz ditados aos alunos, com o objetivo de avaliar a ortografia: dita um texto já preparado, com o único propósito de verificar se os alunos conhecem as regras de transcrição da ortografia padrão. Diferentemente propomos aqui é que as crianças ditem ao professor, que se prestará como escriba para produzir um texto.

Com isso pretende-se que a criança dite um texto por ela memorizado e que o faça tal qual estava no livro, fazendo a criança estimular sua memória.

Discutindo o texto refletimos mais uma citação de Teberosky (2003, p.126) que diz

A freqüente referência à metáfora do código, segundo a qual a escrita e a leitura se parecem à codificação e à decodificação, tem induzido a idéia – errônea para interpretar os processos evolutivos – de que ambas as atividades são uma o inverso da outra. Quando aceitamos automaticamente essa metáfora, podemos pensar que a escrita consiste em um conjunto de idéias armazenadas, e a leitura em algum procedimento inverso que, graças ao código, nos permite recuperar exatamente o que o autor quis escrever.

Portanto para as crianças das primeiras séries, escrita e leitura não são procedimentos inversos, e sua coordenação requer condições de aprendizagem, isso reforça a idéia de que a leitura é o objetivo da escrita e vice-versa.

Precisamos realizar leituras em voz alta, com isso a criança aprende a participar como audiência, porque escutar ler não é algo passivo. Ao escutar a leitura, as crianças aprendem que a linguagem escrita pode ser reproduzida, repetida, citada e comentada.

Logo depois discutimos a citação de Teberosky (2003, p.129) que diz “as crianças que mantinham vínculos de **apego** com seus pais e que eram estimuladas na exploração do ambiente, apresentavam também características de entusiasmo e curiosidade para outros tipos de objeto”. Com isso percebemos que as crianças que participam em experiências de leitura compartilhada no âmbito familiar mostram-se mais interessadas e curiosas na hora de fazer as atividades para aprender a ler e a escrever no âmbito escolar.

Finalizamos o encontro com os agradecimentos aos professores, coordenadores e diretora da escola por ter nos acolhido na sua escola e nos ajudado no estágio.

CONCLUSÕES

No desenvolvimento deste trabalho contamos com os conhecimentos de vários autores e através das suas reflexões, realizamos este estudo com os educadores da Escola Antonio de Sousa Dias, com o intuito de melhorar o trabalho dos professores nas séries iniciais. De início os professores relataram as dificuldades dos seus alunos em aprender a ler e a escrever.

Face a necessidade de intensificar o processo de leitura e escrita, é preciso melhorar as condições de ensino, ter professores bem preparados, para que isso aconteça é preciso que os educadores tenham uma melhor situação financeira e uma formação continuada, para aprimorar o processo ensino-aprendizagem, e formar bons leitores e escritores críticos.

Ao finalizar o estágio pedimos para os professores colocarem as contribuições do estágio para sua formação, eles relataram que contribuiu: no desenvolvimento de novas atividades; no conhecimento de novos textos; na soma de aprendizado; nas trocas de idéias e como também na troca de experiências.

Referente ainda as contribuições do estágio para a nossa formação acadêmica foi satisfatória, pois nós aprendemos bastante, trocamos os nossos conhecimentos, e adquirimos também grandes ensinamentos, acumulamos conhecimentos novos através dos autores, com a professora, como também com os educadores da escola em que nós estagiamos, porque eles já têm uma gama de conhecimentos e experiências.

Este estudo serviu para nós percebermos que a leitura não serve apenas para aprender a ler, mas também para aprender outras coisas.

Percebemos com o relato dos professores e com o nosso aprendizado que aconteceu uma troca, onde cada um aprendeu e ensinou, isso nos faz perceber que não somos algo pronto e acabado e que estamos em constante mudança.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: 1997.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e lingüística: pensamento e ação no magistério.** 10ª ed. - São Paulo: Scipione, 1997.

CHIAPPINI, Lígia. **Aprender e ensinar com textos.** – São Paulo: Cortez, 1997.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). NETO CRUZ, Otavio. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FERREIRO Emilia. **Alfabetização em processo.** 9ª ed. -São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Com todas as letras.** 7ª ed. –São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Reflexões sobre a alfabetização.** 24ª ed. Atualizada – São Paulo: Cortez, 1995.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão.** Trad. Bruno Charles Magne. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 44ª ed. – São Paulo: Cortez, 2003.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** – Campinas, SP: Alínea, 2001.

GOULART, Cecília Maria. **Ler rima com viver**: construção de significados. In: *Salto para o futuro: Ensino Fundamental*. Vol. I. – Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática – 6ª ed..Campinas, SP: Pontes, 1998.

KRAMER, Sônia (org).**A alfabetização**: dilemas da prática. - Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 18ª ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos).

- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. Colaboradores: José Augusto de Souza Peres...(et al.). – São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA, Maria Alice S. Souza.**Construindo a leitura e escrita**: reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização. 3ª ed. -São Paulo: Ática, 1991.

TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo a escrever**: perspectivas psicológicas e implicações educacionais. Tradução de Cláudia Schilling . 3ª edição. - São Paulo: Ática, 2000.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever**: uma proposta construtivista. Trad. Ana Maria Neto Machado – Porto Alegre: Artmed, 2003.

Ameia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SUPERVISÃO ESCOLAR

Caro professor (a)

Este questionário tem como objetivo coletar informação referente ao processo de leitura e escrita desenvolvido nas séries iniciais do ensino fundamental.

Neste sentido, a sua colaboração ao responder o referido questionário é de fundamental importância para o desenvolvimento do nosso trabalho.

Antecipadamente agradecemos a sua colaboração.

Questionário

Dados pessoais / formação escolar

Idade: _____

Sexo: _____

Tempo que atua como professor: _____

Formação: () nível médio-qual? _____

() nível superior-qual? _____

1. Você gosta de ler?

() sim () não

Justifique _____

2. Seu aluno gosta de ler?

() sim () não

Justifique _____

3. Quantas vezes por semana você desenvolve atividades de leitura com seus alunos?

- () nenhuma
- () uma
- () duas
- () três
- () ou mais

4. Que recursos você utiliza para trabalhar a leitura com seus alunos?

- () jornais
- () revistas
- () livro didático

- jibis
- outros

Quais? _____

5. Que tipo de leitura você utiliza para trabalhar com seus alunos?

- silenciosa
- oral

6. Você desenvolve alguma atividade de motivação antes de iniciar uma atividade de leitura?

- sim
- não

Qual? _____

7. Você gosta de escrever?

- sim
- não

Justifique _____

8. Seu aluno gosta de escrever?

- sim
- não

Justifique _____

9. Você sente dificuldade para trabalhar leitura com seus alunos?

- sim
- não

10. Caso exista dificuldade para trabalhar a leitura, o que você faz para superá-las?

11. O que você entende por leitura?

12. Qual a importância da leitura?